

## Entre a “noção lexical” e a “noção gramatical”: hibridismo nocional das preposições

Manuel Luís Costa

Abstract: This paper addresses the lexical-grammatical distinction, as far as prepositions are concerned. It will be assumed simple prepositions such as *a*, *até* and *para* are heterogeneous, bearing both lexical and grammatical features. The inventory of the criteria for establishing the status of a linguistic form is presented in section 2. Culioli's work (Culioli 1990) on the concept of notion and his tripartite classification of notions – type  $\alpha$  (lexical notions), type  $\beta$  (grammatical notions) and type  $\gamma$  (relations between notions) – is the first proposal to be dealt with. An overview of the work within grammaticalization studies follows Culioli's proposals. In section 3, the goal of motion constructions – VD/VMM+*a/para/até*+NP – in European Portuguese are studied as evidence of the heterogeneous status of simple prepositions.

### 1. Introdução

Neste trabalho proponho-me estudar o estatuto nocional das preposições. A discussão da dicotomia lexical-gramatical beneficia particularmente das propostas de Culioli (1971, 1990, 1999a e 1999b) e Keizer (2007). Assim, na linha destes autores, defender-se-á a hipótese da heterogeneidade ou hibridismo nocional da classe das preposições simples, na medida em que combinam propriedades típicas das noções lexicais e das noções gramaticais.

A exploração da hipótese de trabalho acima enunciada justifica, numa primeira secção, a análise dos critérios subjacentes à distinção lexical-gramatical. Para a sua inventariação, tomar-se-á como ponto de partida o conceito de **noção** e a

tipologia nocional propostos por Culioli (1990). O contributo dos estudos sobre a gramaticalização, tendo em vista a constituição de um inventário de critérios para a distinção do estatuto lexical ou gramatical das unidades linguísticas, será outros dos aspectos a considerar nesta secção.

Numa segunda secção, procede-se ao estudo das preposições *a*, *até* e *para* em coocorrência com VD e VMM<sup>1</sup> (cf., e.o. Costa 2004, 2009). Recorrendo a critérios semânticos e morfossintácticos, sustentarei que a análise dos dados empíricos justifica o tratamento das preposições como noções híbridas, simultaneamente lexicais e gramaticais. Efectivamente, o estudo das

<sup>1</sup> Verbos de Deslocação e Verbos de Maneira de Movimento (cf. Costa 2004)

construções *VD+até/para+SN* e *VMM+até/para+SN* irá permitir observar a ocorrência de SP locativos-direccionais (determinações espaciais), o que constitui evidência empírica do funcionamento das preposições como noções lexicais. Cumulativamente, será ainda possível verificar a construção de determinações temporais, aspectuais e/ou modais (**telicidade**, ***boundedness*** e **intencionalidade**)<sup>2</sup>, produto do elevado grau de dependência entre a preposição e os outros elementos do co-texto, o que constitui, possivelmente, evidência do estatuto gramatical das preposições em estudo.

## 2. Definições e pressupostos teóricos

### 2.1. O conceito de noção

De acordo com Culioli (1990), as noções correspondem a representações de natureza cognitiva. Podem ser definidas como um feixe estruturado de propriedades físico-culturais.<sup>3</sup>

No contexto dos três níveis de representação distinguidos pelo autor (**nível 1**—representações mentais; **nível 2** — representações linguísticas; e **nível 3** — representações metalinguísticas), as noções situam-se no primeiro.

---

<sup>2</sup> Cf. Depraetere (1995).

<sup>3</sup> Tendo em vista uma apresentação não sumária do conceito, reenvio o leitor para uma leitura dos textos coligidos no Tomo I da colectânea de A. Culioli (1990).

Para efeitos da distinção lexical-gramatical, justifica-se que consideremos a proposta culioliana, na medida em que o autor postula uma tripartição da noção em noções de tipo  $\alpha$  (**lexicais ou predicativas**), de tipo  $\beta$  (**gramaticais**) e, finalmente, de tipo  $\gamma$  (**complexas**).

Como exemplos do primeiro tipo, podemos ter as noções /gato/, /cão/ ou /ir/. As noções de tipo  $\beta$  (tempo, aspecto, número, definitude, modalidade, diátese, determinação em geral) fazem parte das propriedades constitutivas das noções lexicais. Assim, a noção /gato/ caracteriza-se pela propriedade **discreto** — tipologia DDC. A noção /ir/ corresponde a um **processo** ou **processo culminado**. Ou seja, as noções gramaticais concretizam-se através de operações que incidem sobre as noções lexicais, podendo ser marcadores dessas operações, por exemplo, os artigos. As relações complexas, por sua vez, são constituídas a partir da relação entre noções de tipo  $\alpha$ .

### 2.2. Dicotomia lexical-gramatical

Embora não tenha dedicado qualquer estudo de maior fôlego às preposições, Culioli (1971:37), num trabalho de constituição de um glossário de

termos linguísticos, atribui um estatuto híbrido<sup>4</sup> à preposição:

“La description des systèmes prépositionnels (inventaire, valeurs) est particulièrement ardue: en effet, les prepositions sont des unités à statut hybride, grammaticales en tant que marqueurs de relations, mais aussi lexicales, d’où des problèmes de référence sémantique, d’emplois phraséologiques et de contraintes syntaxiques qui s’enchevêtrent.”

Dada a tipologia do texto, e na ausência da explicitação dos critérios que determinem o tratamento de uma unidade linguística como lexical, bem como a não inventariação do tipo de relações que conferem o estatuto gramatical às preposições, podemos apenas especular sobre o alcance da proposta.

Ainda assim, é inegável a compatibilidade entre a intuição manifestada no verbete sobre a preposição e o edifício teórico posteriormente construído. Na verdade, ao descartar a classificação dos fenómenos linguísticos em termos aristotélicos, ou seja, de acordo com propriedades estáveis, invariáveis,

---

<sup>4</sup> P. Cadiot (1997: 253) é outro dos autores a sustentar uma tese semelhante: “Nous aurons aussi l’occasion de montrer que les prépositions sont finalement autant des mots lexicaux que des mots grammaticaux.”

discretas (em tudo ou nada)<sup>5</sup> e ao assumir, pelo contrário, a plasticidade e complexidade dos fenómenos linguísticos (e. o. Culioli 1990: 128), o autor deixa a porta aberta para a existência de categorias híbridas.

### 2.2.1. Estudos sobre a gramaticalização – critérios para a distinção lexical-gramatical

Na literatura da especialidade são abundantes as definições de gramaticalização. Por não ser esse o objecto de estudo do presente trabalho, remeto para os autores de referência, P. Hopper & E. Traugott (1993) e Heine & Kuteva (2002), entre outros. Independentemente das diferentes concepções de gramaticalização, podemos apontar um aspecto unificador: todos os termos gramaticais resultam de um processo. Neste sentido, esses termos são encarados como “descendentes” dos termos lexicais.

As mudanças ocorridas no decurso do processo de gramaticalização podem explicar-se em função de três mecanismos distintos (Heine & Kuteva (2002: 378): **dessemantização** (*bleaching*) – perda de significação; **descategorização**

---

<sup>5</sup> Neste particular, Culioli encontra-se do lado de linguistas cognitivistas como Langacker (1987) e (Lakoff), os quais postulam princípios semelhantes no quadro das suas propostas teóricas.

(*downgrading*) – perda de propriedades categoriais; **erosão** (*phonetic reduction*) – perda de substância fonética. Em Keizer (2007: 39), reivindica-se a necessidade de se considerar um quarto mecanismo para compreender a mudança de função pragmática ou discursiva de um elemento.

Outro dos conceitos-chave apresentados no âmbito dos estudos sobre a gramaticalização diz respeito à noção de **cline**. Assim, por exemplo, em Hopper & Traugott (1993:6), o conceito de **cline** visa representar a ideia de que as formas não mudam abruptamente de uma categoria para outra, mas são sujeitas a um processo gradual de mudança (*continuum*). Num dos extremos da escala encontraremos itens prototipicamente lexicais (nomes, verbos, adjetivos) e, no outro extremo, os itens funcionais – *function words* – ou gramaticais (os afixos flexionais). Entre estas duas categorias, encontraremos categorias ditas transicionais. A representação proposta pelos autores (op. cit., p. 7) é a seguinte:

(1) content item > grammatical word  
> clitic > inflexional affix

Embora os autores nem sempre coincidam na correspondência das classes de palavras às diferentes categorias, é possível concluir que é relativamente consensual a análise das preposições como itens gramaticais. É essa a posição de

Hopper & Traugott (1993:4), ao sustentarem que palavras como as preposições, os conectores, os pronomes e os demonstrativos, por exemplo, são palavras funcionais. No que importa para o estudo em curso, destaco, em particular, a referência às preposições:

“They serve to indicate relationships of nominals to each other” (Hopper & Traugott (1993:4))

Tendo em vista a apresentação dos critérios subjacentes à distinção entre itens lexicais e itens gramaticais, recorro à revisão dos estudos sobre a gramaticalização levada a cabo por Keizer (2007). De acordo com esta autora, podem ser aplicados critérios de natureza **pragmática, semântica, morfossintáctica e fonológica/fonética**.<sup>6</sup>

Começando pelo **critério pragmático**, a autora justifica a emergência de itens gramaticais tendo em conta dois factores: a perda da função discursiva/pragmática e a alta frequência de uso.

No que respeita ao **critério semântico**, a autora, seguindo as propostas de Bybee, Perkins & Pagliuca (1994:6-7) e de Bybee (2003:147; 152), refere dois argumentos cruciais para ajudar à

---

<sup>6</sup> Limito-me a sumariar os critérios inventariados. Para uma discussão dos problemas e limites de cada um, veja-se Keizer (2007: 42-43).

distinção. Assim, e em primeiro lugar, a gramaticalização de um termo sucede quando se verifica uma **generalização semântica/redução**. Desta forma, um termo poderá perder parte ou a totalidade das propriedades do significado lexical, desenvolver um significado relacional ou ver alargado o domínio de aplicabilidade. Em segundo lugar, observa-se uma crescente **dependência em relação aos outros elementos do contexto**<sup>7</sup>, ou seja, a interpretação de um termo depende da significação presente no contexto.

O recurso ao **critério morfossintático** para identificar a ocorrência de itens gramaticais é sustentado pelos seguintes factos: a) os itens gramaticais são membros de **classes fechadas** (Bybee, Perkins & Pagliuca (1994: 2, 8, 19)); b) os itens gramaticais “exibem um comportamento sintático específico” (Keizer 2007:41), isto é, ocorrem em posições fixas, estão sujeitos a restrições de coocorrência (não podem ser modificados por itens lexicais) e não podem coocorrer com outras unidades pertencentes à mesma classe; c) tendência para se tornarem obrigatórios, mesmo quando redundantes.

Finalmente, e no que respeita ao **critério fonológico/fonético**, é feita

---

<sup>7</sup> Para uma desambiguação do conceito, sugiro a equivalência do termo **co-texto**.

referência à redução fonética ou à fusão com outros fonemas.

### 3. Os dados – construções

#### VD/VMM+SP Locativo/Directional

Como referi em estudos anteriores (Costa 2004, 2009a, 2009b e 2010), as construções VD/VMM+SP Locativo/Directional, nas quais ocorrem as preposições *a*, *até* e *para*, recortam determinações espaciais e, simultaneamente, determinações temporais-aspectuais. Para demonstrar em que medida os dados empíricos podem ser determinantes para a discussão da dicotomia lexical-gramatical, consideremos, em primeiro lugar, o **critério semântico**. Observemos os dados do Português:

- (2) a. O Luís foi à praia.  
b. O Luís foi *para* a praia.  
c. O Luís foi *até* à praia.
- (3) a. O Luís caminhou \*à praia.  
b. O Luís caminhou *para* a praia.  
c. O Luís caminhou *até* à praia.

Tendo em conta os dados apresentados, podemos extrair as seguintes conclusões:

- (i) **as preposições têm impacto nas propriedades aspectuais associadas às relações**

**predicativas.** Em (2), estão representadas eventualidades que correspondem a culminações – (2 b)<sup>8</sup> – ou a processos culminados (2 a, c). Em (3), a coocorrência de VMM – predicados do tipo processo – com a preposição *a* dá origem a sequências mal formadas. Combinados com a preposição *para*, obteremos sequências ambíguas do ponto de vista aspectual, podendo ser interpretadas como eventualidades do tipo processo ou do tipo processo culminado, como as manipulações com adverbiais durativos e de realização podem comprovar.<sup>9</sup> A coocorrência com *até* (*a*), por fim, permite construir eventualidades do tipo processo culminado (em 3 c);

- (ii) exceptuando o caso de (3 a), porque agramatical, as sequências apresentadas nos paradigmas (2) e

<sup>8</sup> Para ser rigoroso, o enunciado (2 b) é ambíguo, podendo ser interpretado como eventualidade do tipo culminação ou como eventualidade do tipo processo culminado. Tal efeito de sentido é indissociável dos valores da preposição *para* (ver infra operação de **mira**).

<sup>9</sup> É o que podemos comprovar com enunciados do tipo (1) *o Luís caminhou para a praia durante dez minutos* e (2) *o Luís caminhou para a praia em dez minutos*. No primeiro caso, a eventualidade é um processo, ao passo que no segundo corresponde a um processo culminado. Para a descrição das coocorrências das construções VD/VMM+a/até/para/SN com os adverbiais durativos e de realização veja-se Costa (2004).

(3) têm uma **interpretação télica**, no sentido definido por Depraetere (2005). Se, no caso dos VD tal é expectável, já no caso dos VMM o comportamento das sequências só pode explicar-se pela dependência estrita entre predicador verbal e a preposição. Com a preposição *em*, num exemplo como *o João caminhou na praia*, não se verifica tal interpretação;

- (iii) as diferenças de significação entre as sequências, intuitivamente detectadas pelos falantes, podem também ser explicadas através da propriedade [±fronteira temporal].<sup>10</sup> Assim, todos os exemplos em (2) são marcados pela propriedade [+fronteira temporal] – ou seja, delimitação à direita do intervalo de *t* associado a  $T_2$  (tempo do enunciado). Em (3), teremos ambiguidade em (3 b), mas não em (3c). No primeiro exemplo, verificam-se duas possibilidades: a) [-fronteira temporal] – *o Luís caminhou para a praia, mas não chegou lá; o Luís caminhou para a praia durante dez minutos*; b) [+fronteira temporal] – *o Luís*

<sup>10</sup> Nos termos de Depraetere (1995), *boundedness*.

*caminhou para a praia. Quando aí chegou...; o Luís caminhou para a praia em dez minutos;*

- (iv) a trajectória associada às construções  
 VD/VMM+*a/até/para*+SN não constitui uma propriedade inerente da preposição, resultando, pelo contrário, da interacção entre as propriedades activadas pelo esquema relacional da preposição e as propriedades do predicado verbal.

Face ao exposto, o estatuto gramatical da preposição parece ganhar terreno. De facto, se considerarmos o critério morfossintáctico, essa tese parece sair reforçada:

- (4) O Luís foi \*muito *à/para/até* a praia.  
 (5) a. O Luís foi \**a para* o Porto.  
 b. O Luís foi \**a até* o Porto.  
 c. O Luís foi \* *para até* o Porto.  
 d. O Luís foi *até ao* Porto.

uma vez que não é possível nem a modificação do SP, nem a coocorrência com outros elementos da classe – exceptuando (5 d), o qual parece constituir caso único no sistema das preposições.

Contrariando a evidência dos dados apresentados, defenderei que a preposição, na relação X R Y, permite constituir um espaço topológico no qual a entidade móvel<sup>11</sup> – pode identificar-se com X ou não ter realização fonética/lexical – irá ser situada. Assim, teremos os seguintes casos:

- (6) preposição *a*: «passagem da F do domínio e localização da entidade móvel – entidade sujeita à Trajectória – em I do domínio associado a Y»



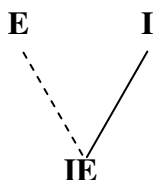
- (7) preposição *até*: «percurso de um intervalo de pontos (=intervalo de instantes – homomorfismo), passagem da F do interior e localização da entidade móvel no I do domínio associado a Y»



- (iii) preposição *para*: mira do I do domínio associado a Y; Y é representado como um objecto intencional, ou seja, como uma

<sup>11</sup> Na literatura produzida no quadro da linguística cognitiva, corresponde ao conceito *trajector* (Langacker 1987).

propriedade modal (teleonomia);  
Y funciona como um atrator de  
X



#### 4. Observações finais

Porventura, o aspecto mais importante da abordagem proposta consiste numa clarificação crucial, em termos teóricos e metodológicos, ao permitir a distinção entre os valores associados à preposição e os valores activados pela construção VD/VMM+*a/para/até*+SN.

Naturalmente, o trabalho desenvolvido deixa em aberto algumas questões, a mais importante das quais diz respeito ao estatuto simultaneamente lexical e gramatical das preposições. Assim, e embora as preposições estudadas possam ser definidas como heterogéneas, na medida em que comportam propriedades associadas tanto às noções lexicais quanto às noções gramaticais, não parece seguro assumir que todas as preposições simples se comportem da mesma forma.

#### Referências bibliográficas

Bybee, J. (2003) “Cognitive Processes in

Grammaticalization”, in M. Tomasello (ed.), *The New Psychology of Language. II: Cognitive and Functional Approaches to Language Structure*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 147-197.

Bybee, J. L., R. Perkins & Pagliuca, W. (1994) *The Evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world*. Chicago: The University of Chicago Press.

Cadiot, P. (1997) *Les prépositions abstraites en français*. Paris: Armand Colin.

Costa, M.L. (2004) “Valores semânticos das preposições espaciais *a, até e para* em Português europeu”, in D. Trotter (ed.) *Actes du XXIVe Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 57-64 .

Costa, M. L. (2009) “Até: uma leitura de Campos”. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CLUNL) - Grupo Gramática& Texto. Texto publicado nos Cadernos WGT(Work(shops) em Gramática e Texto) – “Ler Campos”, organizado por Maria Teresa Brocardo, 19-23.

Costa, M. L. (2009b) “Preposições do tipo divisão – *a, até e para*. Estruturação do domínio nocional e pressuposição”. Manuscrito; trabalho desenvolvido no



- âmbito do Seminário de Semântica e Pragmática do curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da FCSH (UNL).
- Costa, M.L. (2010) “A preposição enquanto termo de relação”. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CLUNL) - Grupo Gramática & Texto. Texto publicado nos Cadernos WGT (Work(shops) em Gramática e Texto) – "Forma & Significado", organizado por Céu Caetano.
- Culioli, A. (1971) *Rubriques linguistiques de l'Encyclopédie Alpha*. Paris: Grange-Batelière.
- Culioli, A. (1990) *Pour une Linguistique de l'Énonciation* T. 1. Paris: Ophrys.
- Culioli, A. (1999a) *Pour une Linguistique de l'Énonciation* T. 2. Paris: Ophrys.
- Culioli, A. (1999b) *Pour une Linguistique de l'Énonciation* T. 3. Paris: Ophrys.
- Depraetere, I. 1995 “On the necessity of distinguishing between (un)boundedness and (a)telicity”, *Linguistics and Philosophy* 18(1). Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1-19.
- Heine, B. & T. Kuteva (2002) “On the evolution of grammatical forms” in Wray, A. (Ed.). *The transition to language*. Oxford: Oxford University Press, 376-397.
- Hopper, P. & E. Traugott (1993) *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Keizer, E. (2007) “The Lexical-Grammatical dichotomy in Functional Discourse Grammar”. *Alfa - Revista de Lingüística* 51/2: "Advances in Functional Discourse Grammar", 35-56.
- Langacker, R. W. (1987) *Foundations of Cognitive Grammar: theoretical prerequisites*. Vol. 1. Stanford: Stanford University Press, 1987.